

ENTREVISTA / LUCAS PADILHA, SECRETÁRIO MUNICIPAL DE CULTURA

‘Queremos fomentar a cultura de forma qualificada, especialmente a literatura’

Eu queria que o você falasse um pouco de como chegou a essa relação tão próxima, tão querida com o livro. O que lê?

Lucas Padilha - Eu tenho muitas dúvidas sobre o que eu sou. Se eu sou advogado, gestor público, antropólogo, se sou político... Mas tenho uma certeza: sou leitor. E a identidade do leitor não está relacionada a um gênero literário ou a um tipo de escritor ou gênero. O leitor é a pessoa que sente — e sabe — que tem um poder especial, ainda mais hoje em dia, de criar um tempo para ser humano.

É um hábito importante...

Eu recomendo a leitura para a saúde mental de qualquer pessoa, de qualquer idade, de qualquer grupo social, vindo de qualquer classe, de qualquer identidade. O livro estimula a cultura da identificação. Não só da identidade. Reforça aquilo que é próprio, singular, as culturas. A literatura brasileira é brasileira por causa disso. A literatura afrocentrada é antirracista por causa disso. Mas, acima de tudo, a leitura não reforça só a identidade, reforça a identificação. E é a leitura, o livro, o mínimo denominador comum de todas as artes, que faz com que a gente se conecte com coisas importantes e inúteis. O livro é o objeto mais inútil da história da humanidade. Mas, se ele não fosse importante, Deus não teria escolhido ele em quase todas as religiões monoteístas. Os deuses todos da humanidade não teriam escolhido a palavra, inclusive oral, como literatura.

Inclusive porque livro é uma coisa e literatura é outra. Mas o livro é inútil?

O livro é de uma inutilidade incrível (risos). Ocupa espaço, custa dinheiro... você precisa comprar e saber o que quer. Mas existe uma certa salvação no livro, individual e coletiva ao mesmo tempo. Quando a gente diz “a educação vai salvar o país”, acho que as pessoas falam de livro. Não só de professor, de escola... falam de livro.

Os autodidatas se valem deles...

A Conceição Evaristo é esse símbolo importante, essa pessoa criativa e genial que faz tão bem a tanta gente. Ela é fruto dos livros — dela mesma e dos outros. Ela é mais leitora do que professora. E mais escritora do que professora. Nada contra nenhum professor. A cultura do livro sem professor não existe. Um evento como a Bial é importante porque tem os professores. São as pessoas que apresentam o livro. Livro é como gente: precisa ser apresentado. Ninguém conhece um livro se não for apresentado.

E quem te apresentou ao livro?

Primeiro foram os meus pais. Meus pais são médicos, eu cresci em Londrina, no Paraná, e eles sempre me deram livros que não tinham nada a ver com o que eu estava fazendo na escola. Foi a genialidade deles. Então, eu tinha seis anos de idade e uma obsessão por jogos eletrônicos de Idade Média. Eu não sei por quê. Eu achava a Idade Média muito fabulosa, eu não sabia se existia dragão ou não, entende? Para mim, a França era um lugar que tinha dragão. A fantasia que eu tinha — em que todos os personagens se misturavam — foi organizada dentro de mim, como repertório, com uma série da editora Ática: como seria a sua vida na Grécia”, no Egito, na Mesopotâmia... Uma série de livros que explicam como seria a sua vida em uma civilização. Aquilo, para mim, era tão delicioso quanto assistir Power Rangers, brincar com os amigos na rua ou ir ao shopping assistir a um filme. Aquilo, quando eu tinha seis, sete anos de idade, já era uma coisa presente na minha vida.

Não passou por livros de temática infantil?

Não. Foram esses livros de não-ficção, desse “Como seria a sua vida...” Aí eu comecei a me formar antropólogo antes de saber que era isso. Antes de saber ler um livro, eu

tinha um livro cheio de coisas escritas com fotos que falavam: “vaso grego, usado para guardar vinho, para guardar azeite”. Eu tinha um fascínio por aquilo. Eu lia esses livros todos como alguém que tinha que aprender como seria a minha vida se eu tivesse nascido em outro lugar do mundo, em outra época. Eu não tinha consciência do que era a Grécia Antiga, mas eu sabia que aquele vaso era diferente e interessante. Até porque vivia numa cidade sem um museu de história universal. Londrina não é Londres, não tem um British Museum. O Brasil não tem. O que tinha, pegou fogo. Eu nunca vi múmia. Eu vi múmia fora do Brasil. Mas eu li a múmia. Então, de certa forma, eu comecei a me civilizar. O livro me civilizou antes de tudo.

E depois?

Depois eu fui para Harry Potter. Vivi aquele fenômeno de frenesi literário e desejo quase sexual pelo livro. As pessoas faziam filas na porta da livraria para o lançamento. Eu me lembro do livro do “Enigma do Príncipe”, que foi o primeiro que comprei no dia do lançamento. Eu corri para a livraria com R\$ 50 na mão. Eu devia ter uns 10, 12 anos. Corri, abandonei meus pais. Eu devo ter agredido umas cinco crianças, involuntariamente. Eu peguei o livro. E estava todo mundo pegando o livro. O livro ia acabar.

Eu peguei dois. E eu comprei dois. O meu desejo de ler era tão grande que eu não queria comprar um só.

E nada de literatura brasileira?

Nada. Eu fui conhecer literatura brasileira depois. Porque na escola a literatura brasileira, por muito tempo, foi apresentada como uma sessão de tortura. E como eu era um aluno levemente indisciplinado — bom aluno, mas levemente indisciplinado: tirava 10 em tudo de Humanidades e sobrevivia ao resto. História e Geografia. Eu tinha obsessão. Hoje em dia chamam de hiperfoco. Na minha época ainda era obsessão.

Português, não?

Não suportava. Português e literatura. Gramática. Era História e Geografia. E a gente aprende português lendo, né? Mas eu me lembro claramente: meu professor de gramática no colégio foi o Evanildo Bechara (falecido no último dia 22). Tive aula com o Bechara porque lia a gramática dele durante as aulas. Não seguia o material didático no colégio, eu estudava pela gramática do Bechara. Porque tinha exemplos encantadores, de literatura. Mas a pessoa que mais me formou foi uma professora de literatura do colégio, a Ana Sandra. Ela falou: “Lucas, você é um leitor. Você gosta